

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
CURSO DE SEGUNDA LICENCIATURA EM HISTÓRIA PARFOR-
AUTAZES/MANACAPURU

**Ata defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em História do Centro de Estudos
Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do
Amazonas, realizado no dia 01 de agosto de 2026.**

Ao 01 dia do mês de agosto de 2026, nas dependências do SEBRAE AMAZONAS – Unidade Muni Lourenço Silva Júnior, localizado na Rua Ângelo Portugal S/N, no município de Autazes, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da discente **EMÍDIA RABELO FERREIRA**, com o tema **AS TABERNAS DA CIDADE DE NOVA OLINDA DO NORTE: história, cotidiano e economia local**. As apresentações cumprem uma exigência do Projeto Pedagógico do curso para obtenção do grau de Licenciada em História. O Presidente deu início à sessão e informou sobre os procedimentos do exame de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Depois da apresentação, palavra foi facultada a discente para apresentar uma síntese do seu estudo e em seguida, foi arguida pelos membros avaliadores. Após a apresentação e arguição pelos membros da Banca avaliadora, esta se reuniu e considerou a discente Aprovada. A sessão foi encerrada. Eu, professor Bruno Miranda Braga, secretariei e lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca avaliadora.

Bruno Miranda Braga. Nota (10,0)
Orientador Professor Dr. Bruno Miranda Braga

Anne Carolina H. Dirane Nota (9,5)
Avaliadora Professora Dra. Anne Carolina Marinho Dirane

Maria Nota (9,5)
Avaliadora Professora MSc. Maria de Jesus do Carmo de Araújo

Média (9,6)

Emília Rabelo Ferreira
Acadêmica: Emília Rabelo Ferreira

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

EMÍDIA RABELO FERREIRA

AS TABERNAS DA CIDADE DE NOVA OLINDA DO NORTE: história,
cotidiano e economia local

AUTAZES - AM
2026

EMÍDIA RABELO FERREIRA

**AS TABERNAS DA CIDADE DE NOVA OLINDA DO NORTE: história,
cotidiano e economia local**

Trabalho de Conclusão de Curso em História apresentado a
Universidade do Estado do Amazonas como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado(a) em História.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Miranda Braga

**AUTAZES - AM
2026**

EMÍDIA RABELO FERREIRA

AS TABERNAS DA CIDADE DE NOVA OLINDA DO NORTE: história,
cotidiano e economia local

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciado em História e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora da Universidade do Estado do Amazonas

Aprovado em 01 de agosto de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Miranda Braga Presidente/Orientador
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Profa. Dra. Anne Carolina Marinho Dirane - Membro
Secretaria de Estado da Educação – SEDUC-AM

Profa. MSc. Maria de Jesus do Carmo de Araújo – Membro
Secretaria de Estado da Educação – SEDUC-AM

AS TABERNAS DA CIDADE DE NOVA OLINDA DO NORTE: história, cotidiano e economia local

Emília Rabelo Ferreira¹
Bruno Miranda Braga²

Resumo: No presente artigo discutimos acerca das tabernas como espaço dinâmicos, de sociabilidade e de economia no cotidiano dos moradores de Nova Olinda do Norte, interior do Amazonas. Para isso, utilizamos a metodologia da História Oral, visando conhecer trajetórias de taberneiros locais, suas lutas, estratégias de resistências para manterem suas tabernas em meio as transformações socioespaciais e econômicas da cidade.

Palavras chaves: Tabernas; Desenvolvimento Econômico; História Econômica, Nova Olinda do Norte

Abstract: In this article we discuss taverns as dynamic spaces, sociability and economy in the daily lives of residents of Nova Olinda do Norte, in the interior of Amazonas. For this, we used the methodology of Oral History, aiming to know the trajectories of local tavern keepers, their struggles, resistance strategies to maintain their taverns in the midst of the socio-spatial and economic transformations of the city.

Keywords: Taverns; Economic Development; Economic History, Nova Olinda do Norte

Introdução

As tabernas são pequenos estabelecimentos comerciais que combinam a venda de alimentos, bebidas e socialização, possuem uma longa trajetória histórica no Brasil. Desde o período colonial, esses espaços desempenharam um papel fundamental na economia local e regional, funcionando como locais de trocas comerciais, sociabilidade e difusão cultural.

Este artigo é fruto da pesquisa que consistiu em investigar as Tabernas como espaço de sociabilidade, entretenimento e economia no município de Nova Olinda do Norte no Amazonas, considerando como os taberneiros tem criado estratégias de resistências frente ao desenvolvimento urbano e econômico local.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa enquadra-se História Econômica e Social segundo na divisão do campo histórico estabelecido por Barros (2005). O local da pesquisa foi a cidade de Nova Olinda do Norte norteadada pela metodologia da História Oral. Para a coleta de dados foram utilizadas a observação do participante, entrevista

¹ Acadêmica de Licenciatura em História UEA/PARFOR.

² Orientador. Professor Doutor em História PUC-SP, professor colaborador do Curso de História, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA /PARFOR, e professor de História da Amazônia do departamento de História da UFAM.

semiestruturadas, e diário de campo. As fontes históricas foram: orais e documentais. Sendo que os sujeitos da pesquisa foram três proprietários de tabernas, três moradores mulheres e homens fregueses e frequentadores de taberna e dois moradores que tem tabernas mais antigas.

Os dados obtidos revelam as tabernas estão presentes e atuantes na cidade de Nova Olinda, os taberneiros criaram mecanismos de resistência para continuarem suas atividades econômicas, tornando suas tabernas em lugares de interação social, história e memória.

A oralidade, muitas vezes desprezada nos registros históricos convencionais, se mostrou na pesquisa uma ferramenta essencial para a compreensão da continuidade da existência das tabernas em meio as rupturas históricas dada ao crescimento da cidade de Nova Olinda do Norte. As memórias dos taberneiros e fregueses/clientes revelam suas trajetórias de luta e resistência para manter seus pequenos empreendimentos ao longo do tempo.

As tabernas como lugar de memória e de relações sociais

Dadas as exigências da vida contemporânea, com mudanças aceleradas no espaço urbano, assistimos a mudanças do espaço da Taberna, mas o que fica na memória de quem administra ou nela frequenta cotidianamente, reflete sua importância como lugar que está para além do comércio.

Estamos falando de um espaço que historicamente resiste às rupturas no âmbito social, cultural e econômico. Como enfatiza Fernandes (1992) “Não há espaço sem marcas de tempo. Todo o sistema de relações se inscreve num espaço em que se associam estreitamente o lugar, o social e o cultural”. E as tabernas não fogem a essa análise, elas retratam as memórias de um tempo vivido. Entendemos as tabernas como lugares que ajudam a lembrar e relembrar eventos passados (Halbwachs, 2006).

As memórias, registros e construções do passado, conferem significado à experiência vivida, conectando os sujeitos históricos a um contexto marcados por ausências, desafios e superações. Lembrar é um ato tanto individual quanto social, afirma Bosi (1987).

Por isso ao tratar das tabernas como lugar de memória e espaço de sociabilidade nos remete ao que considera Bourdieu (1989, p. 138) “Falar de um espaço social, é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer a outra pessoa qualquer, descurando as

diferenças fundamentais, sobretudo económicas e culturais”. É isso que ocorre nas tabernas, pessoas se comunicam, discordam ou não de determinadas ideias, movimentam a economia e ressignificam o espaço urbano e reafirmam identidades, articulando passado e presente na construção da memória social.

Ao longo da Idade Média e da Época Moderna, as tabernas consolidaram-se como importantes espaços de abastecimento, descanso e sociabilidade. Conforme argumenta Braudel (1996), os pequenos estabelecimentos comerciais sempre desempenharam funções que extrapolavam a economia, constituindo locais privilegiados de convivência, negociação, intercâmbio cultural e compartilhamento das experiências cotidianas. Nesse sentido, a permanência histórica das tabernas demonstra sua capacidade de adaptação às mudanças económicas e sociais, sem perder sua essência como lugar de encontro e de construção das relações humanas.

Essa permanência pode ser compreendida à luz da reflexão de Fernandes (1992), para quem "não há espaço sem marcas de tempo. Todo o sistema de relações se inscreve num espaço em que se associam estreitamente o lugar, o social e o cultural". As tabernas não fogem a essa análise, pois carregam em sua materialidade e em suas práticas cotidianas as marcas de diferentes temporalidades, revelando memórias, experiências e modos de vida construídos historicamente.

Nessa perspectiva, entendemos as tabernas como lugares que ajudam a lembrar e a relembrar eventos passados, funcionando como espaços privilegiados da memória coletiva. Conforme destaca Halbwachs (2006), toda memória individual encontra sustentação nos grupos sociais aos quais os sujeitos pertencem, sendo constantemente reconstruída a partir das experiências compartilhadas. Assim, as lembranças associadas às tabernas ultrapassam o plano individual, transformando-se em patrimônio simbólico das comunidades onde estão inseridas.

As memórias, os registros e as construções do passado conferem significado à experiência vivida, conectando os sujeitos históricos a contextos marcados por ausências, desafios e superações. Como afirma Bosi (1987), lembrar é um ato simultaneamente individual e social, pois a memória é continuamente alimentada pelas relações estabelecidas entre os sujeitos e pelos espaços que habitam. Desse modo, as narrativas produzidas nas tabernas preservam experiências, tradições, saberes populares e formas de pertencimento que contribuem para a constituição da identidade coletiva.

Por essa razão, tratar das tabernas como lugar de memória e espaço de sociabilidade remete também às reflexões de Pierre Nora (1993), segundo as quais

determinados espaços tornam-se lugares de memória por concentrarem experiências, símbolos e referências capazes de preservar a continuidade entre passado e presente. As tabernas podem ser compreendidas nessa perspectiva, uma vez que materializam práticas culturais, histórias familiares e relações comunitárias transmitidas entre gerações, constituindo-se em referências simbólicas para a memória social.

Da mesma forma, ao analisar o espaço social, Bourdieu (1989, p. 138) afirma que "falar de um espaço social é dizer que não se pode juntar uma pessoa qualquer a outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo económicas e culturais". Essa compreensão permite reconhecer que as tabernas constituem espaços onde diferentes sujeitos interagem, estabelecem relações de pertencimento, negociam interesses, compartilham experiências, concordam ou divergem de ideias, movimentam a economia local e reafirmam identidades sociais. Assim, esses estabelecimentos articulam passado e presente, memória e cotidiano, economia e cultura, revelando-se importantes patrimônios sociais cuja relevância, ultrapassa sua função comercial, tornando-se espaços vivos de produção da memória, da identidade e da sociabilidade.

As tabernas ultrapassam o plano individual, transformando-se em patrimônio simbólico das comunidades onde estão inseridas.

Consolidação das cidades modernas. Desde a Antiguidade Clássica, especialmente nas civilizações grega e romana, esses estabelecimentos desempenhavam função. Nessa direção, compreender a taberna apenas como um estabelecimento comercial significa reduzir sua complexidade histórica e social. Ao longo dos séculos, esses espaços constituíram importantes núcleos de convivência cotidiana, nos quais diferentes grupos sociais compartilhavam experiências, estabeleciam relações de confiança, transmitiam conhecimentos e construíam formas próprias de pertencimento. A permanência das tabernas em diferentes contextos históricos evidencia que sua relevância não se restringe às práticas mercantis, mas alcança dimensões simbólicas, culturais e afetivas que contribuem para a preservação das identidades coletivas.

A trajetória histórica da taberna revela que sua existência antecede a própria s que iam além da comercialização de alimentos e bebidas. Eram espaços destinados ao descanso dos viajantes, ao encontro entre comerciantes, ao intercâmbio de notícias e ao fortalecimento das relações comunitárias. A origem semântica da palavra *taberna*, derivada do latim *taberna*, remete à ideia de abrigo ou pequena construção destinada às atividades cotidianas. Conforme Ernout e Meillet (2001), o termo passou gradativamente a designar locais de comércio permanente, acompanhando o desenvolvimento urbano

romano e tornando-se elemento indispensável na organização econômica e social das cidades antigas.

Essa compreensão também encontra respaldo nas reflexões de Isidoro de Sevilha (2006), que, ao registrar a origem dos vocábulos latinos em sua obra *Etimologias*, demonstra que a taberna possuía múltiplas funções no cotidiano das populações antigas, constituindo-se como espaço de abastecimento, acolhimento e interação social. Tal perspectiva evidencia que, desde sua origem, a taberna já reunia características que hoje podem ser associadas às práticas de sociabilidade, à circulação de informações e à constituição de vínculos comunitários.

Na Idade Média, as tabernas ampliaram ainda mais sua importância social. Localizadas próximas aos mercados, portos, estradas e centros urbanos, tornaram-se lugares privilegiados para a circulação de mercadorias, pessoas e conhecimentos. Comerciantes, artesãos, viajantes, trabalhadores e moradores locais encontravam nesses ambientes oportunidades para negociar produtos, trocar experiências e compartilhar acontecimentos do cotidiano. Como observa Braudel (1996), os pequenos estabelecimentos comerciais sempre exerceram papel decisivo na dinâmica econômica das sociedades, constituindo espaços onde a vida cotidiana se organizava por meio das trocas materiais e simbólicas. Dessa maneira, a taberna consolidou-se como um verdadeiro ponto de convergência entre economia, cultura e sociabilidade.

Essa característica permite compreender que os espaços comerciais também são produtores de cultura. Conforme Lefebvre (2006), o espaço não é um elemento neutro nem apenas um suporte físico das atividades humanas; ele é continuamente produzido pelas relações sociais, pelas práticas cotidianas e pelos significados atribuídos pelos sujeitos que o vivenciam. Sob essa perspectiva, a taberna deixa de ser entendida apenas como um imóvel destinado às atividades econômicas para assumir a condição de espaço socialmente produzido, onde se entrelaçam histórias de vida, relações de trabalho, afetos, conflitos e experiências compartilhadas.

No mesmo sentido, Michel de Certeau (1998) afirma que os espaços ganham significado a partir das práticas cotidianas realizadas pelos indivíduos. São os usos, os percursos, as conversas e as experiências vividas que transformam um espaço físico em lugar carregado de sentidos. Nas tabernas, essas práticas manifestam-se nas conversas entre vizinhos, nas negociações comerciais, nas narrativas sobre acontecimentos locais, nas festas populares e nas relações de solidariedade construídas ao longo do tempo. Cada

encontro, cada diálogo e cada experiência compartilhada contribuem para consolidar esses estabelecimentos como importantes referências da memória coletiva.

Ao discutir a relação entre espaço e experiência, Yi-Fu Tuan (1983) afirma que um espaço transforma-se em lugar quando passa a ser vivido, reconhecido e dotado de significado pelas pessoas. É justamente essa dimensão afetiva que caracteriza as tabernas enquanto patrimônio cultural. Mais do que edifícios comerciais, elas representam lugares carregados de lembranças, sentimentos de pertencimento e identidades construídas historicamente. Seus frequentadores não recordam apenas os produtos comercializados, mas também as relações de amizade, os acontecimentos marcantes, os costumes locais e as experiências compartilhadas que permaneceram vivas na memória.

Essa perspectiva aproxima-se da concepção de Pierre Nora (1993), para quem determinados espaços tornam-se lugares de memória por concentrarem símbolos, práticas e experiências capazes de preservar a continuidade histórica de uma comunidade. As tabernas podem ser compreendidas como verdadeiros lugares de memória, pois conservam marcas materiais e imateriais das gerações que por elas passaram. Cada objeto, fotografia, móvel antigo, balcão, utensílio ou narrativa compartilhada representa fragmentos de uma história coletiva continuamente reconstruída pelos sujeitos que frequentam esses espaços.

Do mesmo modo, Maurice Halbwachs (2006) demonstra que nenhuma memória é construída isoladamente. As lembranças individuais encontram sustentação nos grupos sociais e nos ambientes onde os indivíduos estabelecem suas relações cotidianas. As tabernas, portanto, funcionam como suportes da memória coletiva, pois favorecem a permanência das tradições, dos costumes e das formas de sociabilidade que caracterizam determinadas comunidades. Nesse contexto, recordar não significa apenas rememorar acontecimentos passados, mas reconstruir continuamente a própria identidade social.

Essa compreensão dialoga ainda com a obra de Ecléa Bosi (1987), ao demonstrar que a memória preserva experiências que frequentemente não são registradas pela história oficial. Os relatos dos proprietários, dos trabalhadores e dos frequentadores das tabernas constituem importantes testemunhos sobre o cotidiano, revelando aspectos da cultura popular, das práticas econômicas e das transformações urbanas que dificilmente aparecem nos documentos institucionais. São narrativas que atribuem sentido ao passado e permitem compreender como determinados espaços permanecem vivos na lembrança das comunidades.

Sob esse prisma, as tabernas assumem importância também como patrimônio cultural. Mais do que preservar edificações antigas, reconhecer esses estabelecimentos como patrimônio significa valorizar os modos de vida, os saberes tradicionais, as formas de convivência e as relações sociais construídas ao longo de diferentes gerações. Trata-se de reconhecer que a memória coletiva não se encontra apenas nos monumentos ou nos grandes acontecimentos históricos, mas também nos espaços cotidianos onde homens e mulheres constroem suas trajetórias de vida, produzem cultura e reafirmam continuamente seus sentimentos de pertencimento.

Assim, as tabernas constituem verdadeiros testemunhos da história social das comunidades. Nelas, o passado permanece presente por meio das lembranças compartilhadas, das práticas culturais, das relações econômicas e das experiências cotidianas que continuam sendo transmitidas entre gerações. Compreendê-las nessa perspectiva significa reconhecer que esses espaços desempenham papel fundamental na preservação da memória social, na produção das identidades coletivas e na valorização do patrimônio cultural, articulando continuamente tradição, sociabilidade, cultura e história.

Ao considerar essa dimensão histórica e cultural, percebe-se que as tabernas ultrapassam a condição de simples estabelecimentos comerciais para assumirem a função de espaços produtores de relações sociais, identidades e pertencimentos. Ao longo do tempo, esses estabelecimentos acompanharam as transformações políticas, econômicas e culturais das sociedades, adaptando-se às novas formas de consumo sem perder completamente sua essência enquanto locais de convivência comunitária. Essa permanência evidencia que determinados espaços cotidianos adquirem significados que extrapolam sua materialidade, transformando-se em referências simbólicas para aqueles que os frequentam.

Na perspectiva de Milton Santos (2006), o espaço geográfico é constituído por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, ou seja, pelas formas materiais construídas historicamente e pelas relações sociais que nelas se desenvolvem. Sob essa ótica, a taberna não pode ser compreendida apenas como uma edificação física destinada ao comércio, mas como um espaço vivido, continuamente ressignificado pelos sujeitos que nele estabelecem relações econômicas, afetivas e culturais. Cada balcão, cada prateleira, cada objeto antigo preservado em seu interior representa marcas da ação humana sobre o espaço, constituindo verdadeiros testemunhos da história local.

Essa interpretação aproxima-se das reflexões de Michel Pollak (1992), ao afirmar que a memória constitui um elemento fundamental na construção das identidades individuais e coletivas. Para o autor, recordar não significa simplesmente recuperar fatos do passado, mas reconstruí-los continuamente a partir das experiências vividas no presente. Assim, as lembranças associadas às tabernas são constantemente reelaboradas pelos sujeitos que delas participaram, transformando esses espaços em importantes referências para a constituição da memória social das comunidades.

No contexto brasileiro, especialmente nas pequenas cidades do interior, as tabernas desempenharam papel significativo na organização da vida cotidiana. Antes da expansão dos supermercados, dos centros comerciais e das grandes redes varejistas, esses estabelecimentos concentravam grande parte das atividades econômicas locais. Eram espaços onde os moradores adquiriam produtos de primeira necessidade, realizavam pequenas negociações, estabeleciam relações de confiança baseadas no crédito informal e compartilhavam notícias sobre acontecimentos da comunidade. Essa dinâmica fazia das tabernas ambientes marcados pela reciprocidade, pela solidariedade e pela construção de vínculos sociais duradouros.

Na Amazônia, essas características assumiram contornos ainda mais específicos. A ocupação dos rios como principais vias de circulação de pessoas e mercadorias contribuiu para que as tabernas se transformassem em importantes pontos de abastecimento das populações ribeirinhas. Nesses espaços circulavam alimentos, ferramentas, medicamentos, produtos industrializados e informações provenientes de diferentes localidades da região amazônica. Ao mesmo tempo, eram locais onde se fortaleciam as relações de vizinhança, se compartilhavam experiências de trabalho, narrativas sobre a vida nos rios, histórias familiares e conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações.

Nesse sentido, compreender a taberna significa também compreender parte da história social das comunidades amazônicas. Ela representa um patrimônio construído pelas experiências cotidianas de homens e mulheres que fizeram desses espaços um prolongamento de suas próprias vidas. Muito além da compra e venda de mercadorias, as tabernas acolheram encontros familiares, conversas entre amigos, decisões comunitárias, manifestações culturais e diferentes formas de sociabilidade que contribuíram para fortalecer o sentimento de pertencimento entre seus frequentadores.

A esse respeito, Néstor García Canclini (1994) afirma que o patrimônio cultural deve ser compreendido como resultado das práticas sociais que produzem sentidos e

identidades coletivas. Não se trata apenas da preservação de edifícios ou objetos antigos, mas também dos significados atribuídos pelas comunidades aos espaços que fazem parte de sua história. Sob essa perspectiva, as tabernas constituem patrimônios culturais vivos, pois preservam memórias, costumes, saberes e formas de convivência que continuam sendo compartilhados no cotidiano das populações.

Do mesmo modo, Françoise Choay (2001) ressalta que o patrimônio não corresponde apenas aos grandes monumentos reconhecidos oficialmente pelo Estado. Também os espaços ordinários da vida cotidiana podem adquirir valor patrimonial quando representam referências afetivas e históricas para uma coletividade. As tabernas inserem-se nessa categoria, uma vez que preservam elementos materiais e imateriais capazes de revelar importantes aspectos da história local e das experiências vividas por diferentes gerações.

Portanto, reconhecer as tabernas como espaços de memória significa compreender que nelas permanecem inscritos fragmentos da história social das comunidades. Seus objetos, seus modos de funcionamento, suas relações comerciais e, sobretudo, as narrativas produzidas por seus proprietários e frequentadores constituem fontes históricas indispensáveis para a compreensão do cotidiano, das formas de sociabilidade e das identidades construídas ao longo do tempo. Mais do que testemunhas silenciosas do passado, as tabernas permanecem como espaços vivos de produção cultural, onde memória, patrimônio e história se entrelaçam continuamente, permitindo compreender a permanência de práticas sociais que resistem às transformações da contemporaneidade.

Essa compreensão torna-se ainda mais significativa quando se observa que as tabernas, ao longo de sua trajetória histórica, acompanharam profundas transformações sociais sem perder completamente sua função de espaço de convivência. Mesmo diante da expansão dos grandes centros comerciais, das redes de supermercados e das novas formas de consumo impostas pela economia contemporânea, muitas tabernas permanecem ativas, preservando práticas tradicionais de atendimento, relações de confiança entre comerciantes e consumidores e modos particulares de interação social. Essa permanência revela que esses estabelecimentos não sobrevivem apenas por razões econômicas, mas porque carregam consigo valores culturais, afetivos e simbólicos que são compartilhados pelas comunidades onde estão inseridos.

A permanência desses espaços também pode ser compreendida por meio da noção de identidade cultural. Stuart Hall (2006) afirma que as identidades não são fixas

nem imutáveis; elas são continuamente construídas e reconstruídas a partir das experiências sociais, das relações culturais e das transformações históricas. Nessa perspectiva, as tabernas participam desse processo de construção identitária ao constituírem ambientes onde os indivíduos estabelecem vínculos de pertencimento e compartilham práticas sociais que reforçam o sentimento de integração comunitária. Cada conversa realizada no balcão, cada cliente habitual, cada história narrada pelos comerciantes representa elementos que fortalecem os laços sociais e reafirmam a identidade coletiva da comunidade.

Ao analisar os espaços cotidianos como produtores de cultura, percebe-se que as tabernas desempenham uma função semelhante àquela descrita por Ray Oldenburg (1999) ao abordar os chamados "terceiros lugares". Para esse autor, existem espaços que não correspondem nem à residência nem ao ambiente de trabalho, mas que exercem papel fundamental na convivência social, favorecendo o diálogo, a participação comunitária e a construção das relações interpessoais. Embora Oldenburg desenvolva sua análise a partir da realidade norte-americana, sua reflexão permite compreender que as tabernas brasileiras também desempenham funções semelhantes, constituindo ambientes onde diferentes sujeitos compartilham experiências, constroem amizades e fortalecem o tecido social.

Essa dimensão relacional aproxima-se igualmente das reflexões de Georg Simmel (2006), ao afirmar que a sociabilidade constitui uma das formas mais importantes da interação humana. Para o autor, os encontros cotidianos, as conversas informais e as experiências compartilhadas produzem formas específicas de integração social que não dependem exclusivamente das relações econômicas. Sob essa perspectiva, a taberna torna-se um espaço privilegiado para compreender como as relações humanas são produzidas e reproduzidas no cotidiano, revelando aspectos da vida social que muitas vezes escapam aos registros oficiais da história.

É justamente essa capacidade de produzir relações sociais que transforma a taberna em objeto de interesse para a pesquisa histórica. A História Cultural, especialmente a partir das contribuições de Roger Chartier (2002), passou a valorizar os espaços ordinários da vida cotidiana como importantes objetos de investigação. Segundo o autor, compreender as práticas culturais significa analisar os modos pelos quais os indivíduos produzem significados para suas ações, atribuindo sentidos aos lugares que ocupam e às experiências que compartilham. As tabernas, nesse contexto, constituem

importantes espaços de produção cultural, onde práticas econômicas, tradições populares e relações de sociabilidade coexistem e se transformam continuamente.

No Brasil, sobretudo nas pequenas cidades e nos municípios do interior, esses estabelecimentos assumiram características particulares. Durante boa parte do século XX, as tabernas funcionavam como pontos de abastecimento da população local, oferecendo desde gêneros alimentícios até utensílios domésticos, ferramentas agrícolas, medicamentos populares e produtos destinados às atividades extrativistas. Em muitos casos, o comerciante conhecia pessoalmente cada cliente, estabelecendo relações de confiança que permitiam a realização de vendas fiadas, prática comum nas pequenas comunidades brasileiras. Essa relação comercial baseada na confiança ultrapassava os interesses econômicos e fortalecia vínculos sociais construídos ao longo de décadas.

Nas cidades amazônicas, essa realidade apresenta especificidades relacionadas à própria organização do território. Como observa Milton Santos (2006), o espaço é produzido pelas relações estabelecidas entre a sociedade e o meio geográfico. Na Amazônia, onde os rios historicamente constituíram as principais vias de circulação, as tabernas localizadas próximas aos portos, igarapés e áreas centrais tornaram-se importantes pontos de encontro entre moradores das zonas urbana e rural. Nesses espaços circulavam não apenas mercadorias, mas também informações sobre as cheias dos rios, as safras agrícolas, a pesca, a política local, as festividades religiosas e os acontecimentos que marcavam a vida das comunidades.

Essa circulação constante de pessoas e saberes fez das tabernas verdadeiros centros informais de comunicação. Antes da popularização do rádio, da televisão e, posteriormente, da internet, grande parte das notícias era compartilhada nesses ambientes por viajantes, comerciantes e moradores que chegavam de diferentes localidades. Assim, esses estabelecimentos desempenhavam papel semelhante ao das antigas praças públicas, funcionando como espaços onde circulavam informações, opiniões, rumores e narrativas sobre acontecimentos locais e regionais.

A oralidade ocupa lugar central nesse processo. Walter Benjamin (1994), ao refletir sobre a figura do narrador, demonstra que a transmissão oral das experiências constitui um dos principais mecanismos de preservação da memória coletiva. Nas tabernas, essa tradição manifesta-se nas conversas cotidianas, nas histórias contadas pelos moradores mais antigos, nas lembranças compartilhadas entre gerações e nas narrativas sobre personagens, acontecimentos e costumes que marcaram a história local. Essas narrativas, ainda que muitas vezes ausentes dos documentos escritos, constituem

importantes fontes para a compreensão do passado, pois preservam experiências vividas e formas particulares de interpretar a realidade.

Desse modo, as tabernas podem ser compreendidas como espaços privilegiados da história oral. Conforme Alberti (2005), a memória dos indivíduos constitui importante fonte de conhecimento histórico, especialmente quando possibilita compreender aspectos da vida cotidiana frequentemente invisibilizados pelos registros oficiais. Os relatos dos comerciantes, clientes e moradores revelam dimensões da história local que dificilmente seriam conhecidas apenas por meio da documentação escrita. São memórias que preservam modos de vida, práticas comerciais, relações familiares e experiências coletivas construídas ao longo do tempo.

Ao reconhecer essas narrativas como fontes históricas, amplia-se também a compreensão sobre o patrimônio cultural. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)³ reconhece que o patrimônio brasileiro não se restringe aos bens materiais, abrangendo igualmente os saberes, as celebrações, as formas de expressão e os lugares onde essas práticas se desenvolvem. Nessa perspectiva, as tabernas podem ser compreendidas como espaços portadores de referências culturais, pois reúnem práticas sociais, memórias coletivas, modos tradicionais de comercialização e experiências compartilhadas que contribuem para a construção da identidade das comunidades.

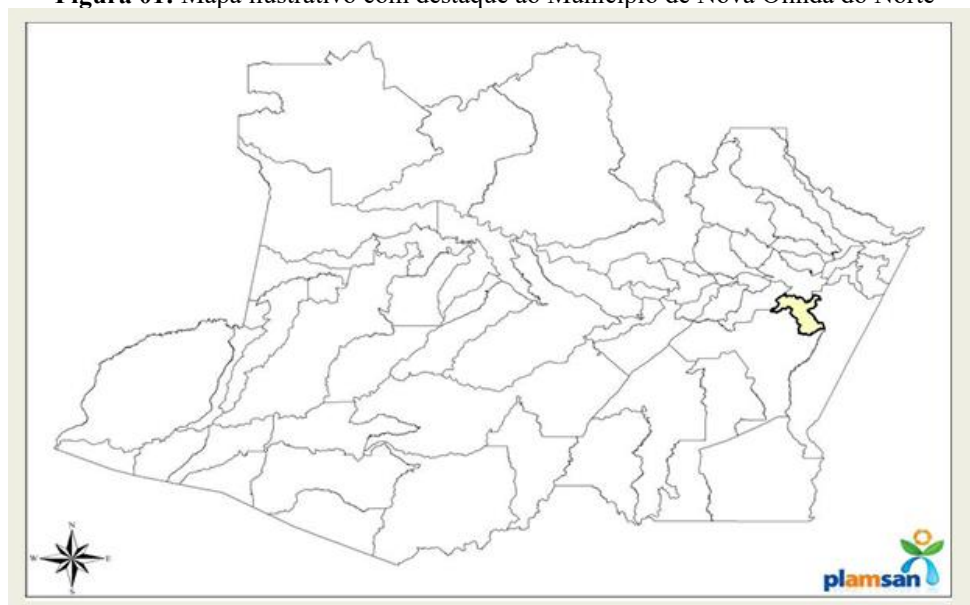
As histórias das Tabernas na Cidade de Nova Olinda do Norte

Em 19.12.1955, pela Lei Estadual nº 96, o município de Nova Olinda do Norte foi criado, com território desmembrado dos municípios de Maués e Itacoatiara, com sede na localidade de Nova Olinda do Norte. Habitavam a região, os povos indígenas: Turás, Muras, Mundurucus e outros.

Nova Olinda do Norte é um município no Estado do Amazonas, conhecido por sua rica história, cultura vibrante e potencial turístico, a mesma está situada a aproximadamente 126 km ao sul de Manaus, a capital do estado do Amazonas sua população é de cerca de 38.665 habitantes tornando-se o décimo-nono município mais populoso do Amazonas.

³ As informações sobre o conceito de patrimônio cultural, foram obtidas no site do IPHAN. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br>. Acesso em 04/08/2026.

Figura 01: Mapa ilustrativo com destaque ao Município de Nova Olinda do Norte



Fonte: Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos do Município de Nova Olinda do Norte/Am, 2012.

Nova Olinda do Norte se tornou nacionalmente conhecida em maio de 1955 quando as mineradoras e perfuradoras viram jorrar petróleo de suas jazidas. A motivação foi tanta que o então presidente da república a época, Juscelino Kubitschek veio ao Amazonas e anunciou com entusiasmo que o petróleo ajudaria o Brasil a caminhar e ser mais.

Figura 02: Jornal do Comercio, 20 de abril de 1958



Fonte: Acervo Hemeroteca Digital.

Não fugindo do assunto central desse artigo, destacamos que Nova Olinda do Norte para além dessa fase petrolífera, manteve-se e se reinventou, propôs novas formas de manter sua economia e subsidiar os interesses dos moradores e dos pequenos comerciantes locais, um desses meios, foram as tabernas, as pequenas vendas que tradicionalmente surgiram e se perpetuaram na dinâmica sociocultural local.

As tabernas surgiram em Nova Olinda do Norte para ajudar moradores, pescadores e comerciantes que usavam os rios como principal meio de transporte. Nesses lugares, eram vendidos produtos importantes para o dia a dia, como farinha, peixe salgado, bebidas, utensílios de casa e ferramentas. Além de vender produtos, as tabernas também eram locais onde as pessoas se encontravam para conversar e trocar informações.

Para uma moradora da cidade de Nova Olinda, “as tabernas lembram sua infância, compras de óleo, bolacha ou arroz a retalho. Lembra um lugar de encontro, de acolhida, de vínculos, mas também tinha a venda de bebidas alcoólica. Ah tinha a balança igual a um prato, para pesar diversos produtos” (Diário de Campo, 2026).

Outra moradora participante da roda de conversa, relata que as tabernas ofereciam uma variedade de produtos essenciais ao cotidiano da população local, como farinha, peixe seco, cachaça, peneiro, pão caseiro, tabaco e utensílios domésticos e itens de primeiras necessidades. Outro aspecto relatado pela moradora, refere-se ao fato de que a taberna era de espaço de encontro, de diálogo, esses locais reuniam pessoas de diferentes idades e grupos sócias que se encontravam para conversas e botar papos em dias e jogar baralhos de apostas, dominós, falar fatos do cotidiano ocorridos no município sobre fantasmas, mortes de vizinhos, jogos de futebol.

Esses fatos do cotidiano lembrados pelos membros do grupo de taberneiros moradores locais, retratam a cultura de Nova Olinda. Entendemos que cultura é uma prática significativa. “Ela consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar” (Certeau, 1995, p. 143). Ainda com base em Certeau, podemos inferir que essas narrativas dos colaboradores são invenções do cotidiano. Para este autor, o cotidiano não é passivo, mas um campo de criatividade onde pessoas comuns, através de “artes de fazer” e “táticas” astutas, subvertem e reinventam as ordens impostas pelos produtores de cultura e consumo.

Podem ser consideradas ainda memórias vividas por tabela, como entende Pollak (1992). Isso ocorre quando uma pessoa de tanto ouvir determinadas histórias acaba introjetando em sua mente como se tivesse vivido. O autor acrescenta ainda que esse jogo de memória e reconhecimento ocorre porque a memória coletiva de um determinado

grupo é estruturada com suas hierarquias e classificações, e ao definir o que é comum a um grupo e o que diferencia de outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. É nesse sentido que os guardiões da memória das tabernas de Nova Olinda relatam.

Halbwachs (2006), afirma que as lembranças são construídas junto com outras pessoas ou lugares. Assim também Bosi (2003), também argumenta que a memória é um fenômeno social, moldado pelas interações e contextos culturais, tomando os relatos com base em lembranças, carregadas de sentimentos, detalhes da vida cotidiana, e das transformações sociais que sofreram ao longo do tempo, contextualiza essas memórias dentro de um quadro teórico, ligando as experiências individuais, às dinâmicas sociais e culturais mais amplas, sem perder a dimensão humana de suas histórias, de contrastar os quadros ou esquivar-se de interpretá-los.

Outro morador e freguês das Tabernas em Nova Olinda, considera que sua taberna faz parte da cultura local e por isso resolveu criar a sua, veja:

Como meu pai era taberneiro e ele ficava parado como o pessoal diz, pra tirar o pão das crianças a gente pensou o que poderia botar o que estava faltando no bairro, e nós já trabalhávamos com isso antes, como vendas de verduras, frutas e tínhamos uma Hortifrúti. E quando viemos pro município, tivemos que vender e pensamos botar essa taberna pra vender frutas, verduras, farinha, ovos, carvão e tucupi e outras coisas a mais, e graças a Deus deu certo. Eu pensei que poderia criar a minha, é da cultura local. Essa minha taberna tem menos de um ano, iniciou no dia 20 de janeiro de 2025 ela completou três meses, mas sempre estou ligada no trabalho da taberna. O nosso produto raramente é comprado no mercado que abriu agora no Capibaribe, no Zeca e nos principais comércios grandes. A gente compra mais é do senhor Adalto do Mercadinho do Povo, como: ovos, batata, cenoura e estivas e dos agricultores que vem nos sábados que ficam na beira do porto do seu Otávio sempre vendem e nós compramos deles também das pessoas ribeirinhas tipo frutas, verduras, e outras coisas pra manter a nossa taberna. (Entrevista, 2026).

O taberneiro acrescenta sua fala dizendo que a taberna pra mim é bom porque quando cheguei aqui nesse bairro da UEA para morar, quase ninguém tinha taberna e a nossa taberna é importante principalmente para ajudar na nossa renda e sustentar família.

Analizamos este dado a partir da perspectiva de Thompson (1998), que vê a cultura e os modos de vida como construções históricas moldadas por experiências coletivas e relações sociais. Thompson destaca que os costumes são elementos ativos na organização da vida cotidiana, na resistência e na adaptação às mudanças.

As tabernas em Nova Olinda têm resistido em meio ao desenvolvimento da cidade é o que nos relata o entrevistado proprietário de uma taberna local,

Com o crescimento da cidade e a chegada de supermercados e grandes comércios, muitas tabernas deixaram de existir. Mesmo assim, algumas, conseguiram continuar funcionando, transformando em bares, mercearias, e pequenos mercados, sem perder suas importâncias econômica e cultural. Esses estabelecimentos ainda são importantes espaços de convivências social e ajuda a economia local, principalmente nos bairros e comunidades mais afastadas do centro de Nova Olinda do Norte, onde o acesso a grandes mercados é mais difícil. (Entrevista, 2026).

A maneira como o colaborador imprime em sua cultura a importância da Taberna, evoca a importância das tabernas no seu cotidiano e em sua identidade

Figura 03: A taberna do senhor Francivam dos Anjos Araújo



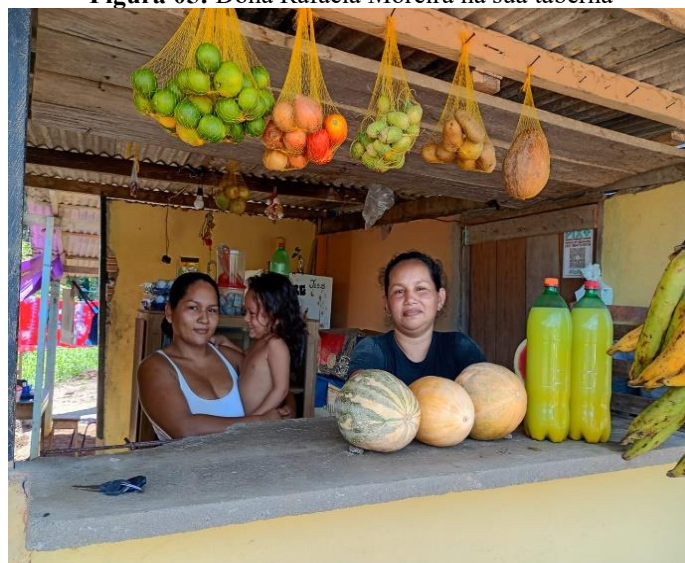
Fonte: Ferreira, 2026

Figura 04: com o comerciante Edmundo Marchado de Lima na taberna



Fonte: Ferreira, 2026

Figura 05: Dona Rafaela Moreira na sua taberna



Fonte: Ferreira, 2026.

O papel das tabernas na economia local

As tabernas tiveram e ainda tem um papel importante no desenvolvimento econômico de Nova Olinda do Norte, pois ajudaram na circulação de mercadorias e dinheiro no município. Elas permitem que os produtores locais vendessem seus produtos e que a população tivesse acesso a itens básicos do dia a dia.

Além disso essas tabernas geravam empregos diretos indiretos, fortalecendo o comércio local ajudando a economia da região. Muitas famílias dependiam das tabernas como sua principal fonte de renda.

Apesar do crescimento da cidade as tabernas ainda contribuem bastante para a economia e facilita a vida de muitos moradores que residem em bairros distantes como relata Edmundo Machado de Lima, taberneiro local,

A taberna contribui bastante para a nossa economia local. Quando eu coloquei aqui a taberna, eu visei muito a distância. Sabe, você sair daqui para comprar pão, eu andava vamos dizer quase dois quilometro pra chegar na padaria no centro. Então foi isso que pensei: vou colocar aqui uma taberna, que tem bastante gente e sei que vai dá bom pra nós aqui. Minha intenção na época que eu coloquei era pra ajudar as pessoas que moram mais aqui próximo onde não tinham como comprar pão ou diversos produtos. Então era a situação do bairro na época era entrada de bairro novo que na época era final de bairro então as pessoas iam comprar 3,4,5 reais de pão lá no centro na perna era muito

difícultoso pra eles né então veio a ideia de colocar essa taberna pra ajudar eles e eles me ajudarem em útil e agradável (Entrevista, 2026).

Outro entrevistado, o senhor Edmundo Machado de Lima sobre essa questão disse que as tabernas que fazem os grandes comércios crescerem. Aqui na nossa taberna não vendo fiado, porque estamos começando e não é bom vender fiado, porque fica faltando dinheiro pra repor os produtos.

Em conversa com um taberneiro indagamos de onde vem seus produtos e a renda bruta mensal ele respondeu que:

a maioria dos nossos fornecedores é do comércio TJ Paiva, daqui de Nova Olinda. por ser pequena, a minha taberna não tem condições de trazer mercadorias diretamente de Manaus por que a maioria é daqui mesmo. compramos açúcar, café, arroz, óleo, e outras estivas a mais para investir na nossa taberna. Ainda não temos uma renda bruta mensal, mas se eu fosse colocar no mensal chegaria a 4 ou 5 mil por mês assim no bruto, não é o líquido, mas ajuda a mantê-la. Mas não é só o recurso dela que ajuda a manter por si só, porque eu tenho o meu trabalho também fora a parte, então eu procuro somar meu trabalho com a nossa taberna, um ajuda o outro ai dá pra se manter (Entrevista, 2026).

O colaborador em sua fala registra que a suas mercadorias vem de comércio maiores da própria cidade e utiliza recursos financeiros de outra profissão para ajudar nas despesas da taberna e de sua família. Considera importante a economia de seu estabelecimento, o qual também contribui com a economia local.

As tabernas desempenharam um papel importante na economia do município de Nova Olinda do Norte, servindo como espaços de convivência social e fornecendo produtos essenciais para a do centro. Como relatado pela entrevistas, as tabernas foram criadas para atender as necessidades das populações locais, devido a longa distâncias que as pessoas percorriam para fazer suas compras. Mediante essa situação, houve a necessidade de abrir tabernas oferecendo produtos como: frutas, verduras, pão e outros itens básicos, contribuindo para economia local gerando rendas e empregos, ajudando a preservar a cultura local, mantendo vivas as tradições e os costumes da comunidade em áreas mais afastadas.

Considerações Finais

As tabernas tem um valor histórico para o município de Nova Olinda do Norte, pois contribuíram para a circulação de emprego e rendas ao longo do tempo. Essas

tabernas atenderam as necessidades dos moradores da zona urbana e rural, funcionando também como importantes pontos de vendas.

Neste sentido, permite compreender o papel social que esses espaços desempenharam no desenvolvimento econômico do município, desde a fundação até os dias atuais, investigando o papel das tabernas nas economias locais, identificando as transformações ocorridas ao longo da história Nova Olindense.

Fontes Orais (Entrevistas)

Edmundo Marchado de Lima. Entrevista realizada no dia 25.01.2026.

Francivam dos Anjos Araújo. Entrevista realizada no dia 25.01.2026.

Rafaela Moreira. Entrevista realizada no dia 25.01.2026.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: a história dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 2ª. ed. EDUSP, São Paulo, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A Miséria do mundo**. 2ª ed. Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. v. 2: Os jogos das trocas. Tradução de Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2001.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4. ed. Paris: Klincksieck, 2001.

FERNANDES, Florestan. **Espaço, tempo e relações sociais**. São Paulo: Hucitec, 1992.

FERNANDES, Teixeira. Espaço social e suas representações. **Sociologia**, Revista da Faculdade de Letras do Porto, n.º 2, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Sobre patrimônios. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br>. Acesso em 04/08/2026.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFE1983.

